

A NATUREZA NO TEMPO E A FORMAÇÃO DO MUNDO CIVIL EM VICO^{1*}

NATURE IN TIME AND THE FORMATION OF THE CIVIL WORLD IN VICO

Priscila Aragão Zaninetti

Universidade de São Paulo
aragaoprz@gmail.com

Resumo

Constituída mediante o desenvolvimento e o exercício de instituições celebradas pela coletividade –as religiões e seus ritos matrimoniais e funerários– a natureza humana é, para Vico, a resultante de um processo continuamente inacabado e suscetível a perder-se. Isso porque, a barbárie consistiria no estado de coisas cujo abandono, apesar de suscitar o início daquele processo e, portanto, a origem da natureza humana, não perdura definitivamente. A barbárie, nesse sentido, parece espreitar cada um dos estágios do processo de humanização ou como um passado, mais ou menos recente, que ainda deixa vestígios ou como um futuro, cada vez mais eminente, que sobrepõe a circularidade à linha do tempo. De qualquer maneira, é somente na dimensão desse tempo, curiosamente, linear e circular, que a natureza humana pode surgir e, não sem fadigas, deve ser conservada. É somente no tempo que, analogamente, o mundo civil –campo de ação próprio dos homens– pode ser fundado e deve ser mantido. Dito isso, o presente artigo pretende examinar a concepção de natureza humana, apresentada por Vico na *Ciência Nova*, através daquilo que permitiria o retorno ao momento originário tanto de tal natureza quanto do mundo civil, isto é, a análise crítica da obra homérica.

Palavras-chave: Herói, História, Homero, Natureza, Vico.

Abstract

Constituted through the development of institutions celebrated by the collectivity –religions and their matrimonial and funeral rituals–, human nature is, for Vico, the result of a process that is continuously unfinished and susceptible to disappearing. This is because barbarism would consist of the state of affairs that cannot be permanently abandoned, despite giving rise to the beginning of that process and, therefore, the origin of human nature. Barbarism, in this sense, seems to peek at each stage of the humanization process, either as a form of the past, more or less recent, that still leaves traces or as a form of the future, increasingly eminent, where circularity and the timeline overlap. In any case, it is only in the dimension of that time, curiously, linear and circular, that human nature can emerge and must be preserved. It is only in time that, analogously, the civil world –the field of action proper to men– can be founded and must be maintained. The present article intends to examine the conception of human nature, presented by Vico in *New Science*, through what would allow the return to the original moment both of that nature and of the civil world: the critical analysis of the Homeric work.

Key-words: Hero, History, Homer, Nature, Vico.

^{1*} Recibido el 18/04/2021. Aprobado el 28/06/2021. Publicado el 30/07/2021.

O resgate de Heitor narrado por Homero no último Canto da *Iliada* é mencionado por Vico na *Ciência Nova*, sobretudo no terceiro livro da obra, intitulado “Da Descoberta do Verdadeiro Homero”². Cantado pelo poeta, aquele resgate está inserido em uma sequência de acontecimentos que remontam desde as partes iniciais da epopeia e, portanto, desde a ofensa infligida por Agamêmnon a Aquiles; mas que conduzem, também, até o funeral de Heitor nos últimos versos da obra. No entanto, mesmo tomada isoladamente, a narrativa da ida de Príamo à tenda de Aquiles para suplicar-lhe o cadáver insepulto do seu filho, parece já suficiente para informar sobre aspectos importantes da ética aristocrática homérica e, de maneira extensiva, sobre formulações do ideal de humanidade grega, tais como, a grandeza heroica assente na figura sobre-humana e colérica de Aquiles, e as virtudes da nobreza explicitadas na figura humana, na ocasião, insultada e desesperada, de Príamo. Mais ainda, tal narrativa parece informar sobre a necessária observação das leis divinas que determinariam, nesse caso, a celebração das devidas honras fúnebres e, então, o sepultamento do corpo ultrajado de Heitor. Objeto do confronto dialógico entre o herói aqueu e o rei troiano, a observação dessa lei seria a demonstração da justa reverência aos deuses, mas não somente isso, seria também, a demonstração da justa reverência aos anciãos, já que Príamo fora descrito como um velho monarca, da branca barba e da nívea cabeça (Homero, 2015: XXIV, 515)³. É esse Príamo, cuja magnanimidade o torna comparável aos deuses, (Homero, 2015: XXIV, 551) que, ajoelhado diante do assassino do seu filho, afirma:

“(…) Sê reverente aos eternos, Aquiles; de mim tem piedade;
pensa em teu pai, também velho; bem mais infeliz sou do que ele,
pois chego agora a fazer o que nunca mortal fez na terra:
beijo-te as mãos, estas mãos que a meus filhos a Morte levaram.”
Grande saudade do pai no Pelida o discurso desperta;
toma das mãos do monarca, afastando-o de si com brandura.
Ambos choravam; o velho, lembrado de Heitor valoroso,
num soluçar convulsivo, de Aquiles aos pés enrolado,

² O presente artigo é um trabalho desenvolvido a partir da comunicação apresentada no evento *I Encontro Argentina-Brasil sobre estudos do século XVIII/História y naturaleza: I Encuentro Argentina-Brasil sobre estudios del siglo XVIII*. Além disso, este artigo integra a pesquisa, correspondente ao processo 2019/07998-3, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e intitulada *Tempo e história na Ciência Nova de Giambattista Vico*.

³ As referências à *Iliada* informam, na sequência do ano de publicação da edição adotada, o número do Canto no qual a passagem citada está inserida e, posteriormente, a numeração dos versos adotada pela tradução de Carlos Alberto Nunes.

que, ora o pai velho chorava, ora a perda do amigo dileto,
Pátroclo; o choro dos dois pela tenda bem-feita ressoava.
(Homero, 2015: XXIV, 503-511)

A passagem compõe um dos mais belos trechos da obra e retrata Aquiles e Príamo, embora distintos do ponto de vista de suas naturezas divina e humana, em um episódio no qual estariam igualmente dominados por violentas paixões. Ambos choram um choro que ressoa pela tenda do acampamento de guerra. Assim, no espaço que reúne honrosos e viris guerreiros, Aquiles lamenta a recordação de seu pai, suscitada pela imagem de Príamo, a perda de Pátroclo e os destinos da existência miserável e da morte prematura, concedidos pelos deuses, respectivamente, aos mortais e a si mesmo. Príamo, por sua vez, lamenta a morte de Heitor, “entre os homens pequenos um nune glorioso, que parecia ser filho de um deus, não de um homem terreno” (Homero, 2015: XXIV, 257-258), bem como a morte, também em batalha, de seus outros filhos fortes e, conseqüentemente, os então já inevitáveis incêndio e saque de Tróia. No entanto, inserido no fio da trama, esse episódio específico carrega consigo os conteúdos expostos anteriormente e estará ainda entrelaçado nos acontecimentos finais da narrativa. Dessa maneira, arrebatados naquele momento pela dor, o jovem herói e o velho monarca dão também demonstrações de piedade⁴, por exemplo, quando Príamo apresenta, diante dos chefes troianos reunidos, satisfações a favor de Helena, considerada por estes últimos como a causa da ruína da cidade (Homero, 2015: III, 164 e ss.). Ou ainda, quando Aquiles decide retornar à guerra, apesar da ofensa infligida por Agamêmnon, para vingar a morte de Pátroclo e, portanto, honrar as altas virtudes desse seu “amigo que acima de todos estimava” (Homero, 2015: XVIII, 81). Mas, também, quando Príamo e Aquiles admiram-se silenciosamente e mutuamente tanto pela “imponência e estatura” do primeiro quanto pela “nobre aparência” (Homero, 2015: XXIV, 629 e 631) do segundo, durante a ceia oferecida por Aquiles em sua tenda, mediante a qual assumem

⁴ A concepção de *piedade*, elaborada tanto pelo pensamento grego da Antiguidade quanto pelo pensamento do próprio Vico, bastante mais complexa do que talvez façam parecer as menções do presente artigo, exige um estudo específico e demorado. Por ora, assumiremos a estabilidade do conteúdo de tal concepção que, em ambos os pensamentos, versaria acerca da glorificação dos feitos divinos e nobres, uma vez que essas duas ordens se confundiriam na ética aristocrática, também presente em ambos. Para Jaeger, cuja obra trata sobretudo daquele primeiro pensamento, “(...) a essência da piedade e o culto grego exprimem-se no fato de honrar a divindade. Ser piedoso quer dizer ‘honrar a divindade’. Honrar os Deuses e os homens pela sua *arete* é próprio do Homem primitivo” (Jaeger, 2001: 32). Para Vico, por sua vez, cujas proposições do pensamento são frequentemente expostas no entremeio das narrativas históricas, a piedade seria o respeito e o temor à justiça que, por exemplo, ensinara Deucalião aos gregos, encontrados por Orfeu “ainda como animais selvagens” (Vico, 2005: 79).

compromissos recíprocos. E, finalmente, para encerrar a sequência de exemplos com aquele que talvez seja o mais importante para o que aqui se pretende, a demonstração de piedade do herói aqueu quando, mesmo acometido pelas dores atrozes da perda e pela impetuosidade da juventude ávida por glória, acolhe as súplicas de Príamo, entrega o cadáver de Heitor ao pai e, assim, concede ao herói troiano as devidas celebrações fúnebres.

O mesmo não ocorre na *Ciência Nova*. Narrado por Vico, o resgate de Heitor está circunscrito ao momento preciso em que Aquiles e Príamo compartilham a ceia na tenda do herói. Sem antes e sem depois, a passagem carrega consigo não os conteúdos entrelaçados da trama narrativa, mas a autoridade do documento histórico que, fragmentado e autônomo, estabelece o argumento geral a partir do dado particular. Desse modo, a multiplicidade predicativa das sucessivas descrições homéricas cede lugar à regularidade propositiva das análises viquianas e, portanto, os traços distintivos das figuras retratadas deixam de dar provas da excelência individual para dar provas da natureza humana em processo de constituição. Ora sob o domínio das paixões ora senhores das mais elevadas virtudes, mas, sobretudo, protagonistas de feitos memoráveis, o Aquiles e o Príamo erigidos por Homero testemunham, é verdade, os valores éticos fundamentais de suas ordens sociais. No entanto, a *arete* guerreira da antiga nobreza aprecia as expressões de força e coragem de uma natureza humana considerada já constituída, fixa e imutável. Tal imutabilidade, inclusive, decorrente da estreita relação entre antropologia e cosmologia no pensamento grego, parece ser justamente o pressuposto lógico que estabelece a base originária comum a partir da qual alguns e poucos homens reclamam para si o louvor à conduta que os destaca dos demais e vulgares.

De novo, o mesmo não poderia ser afirmado acerca da perspectiva viquiana daquela narrativa. Estabelecida como a obra que demonstra os princípios da *natureza comum das nações*, a *Ciência Nova* admite a mudança no detalhe e, portanto, uma concepção de natureza humana desenvolvida no tempo. Nesses termos, o Aquiles e o Príamo erigidos por Vico testemunham um determinado estágio do processo de constituição da natureza humana, precisamente aquele no qual a proximidade com a barbárie mantém, em alguma medida, ainda semelhantes as bestas e os homens. Formulado de outra maneira, a narrativa homérica do resgate de Heitor, sob a perspectiva –a bem dizer, bastante pessoal– de Vico, consistiria no documento histórico cuja análise possibilitara a demonstração da natureza

feroz dos primeiros homens. Para tanto, ou seja, para que a violência daqueles que teriam sido “recentemente acolhidos na humanidade” (Vico, 2005: 32)⁵ seja atestada como o traço distintivo não somente da ordem social à qual pertencem, mas também da natureza humana que compartilham, é preciso constatá-lo com a regularidade própria do que fora histórico e ontologicamente sedimentado⁶. Sendo assim, as ações de Aquiles e Príamo transcorrem conforme um campo limitado de possibilidades cuja extensão abrange manifestações nuançadas de uma mesma conduta. Tais ações seriam, portanto, apenas e marcadamente violentas, os efeitos observáveis de uma natureza humana engendrada sob o sentimento impetuoso de urgência que acompanharia as necessidades mais elementares dos primeiros tempos.

Diante disso, porém, faz-se necessário ainda precisar alguns pontos abordados até aqui para que seja possível dar andamento à exposição. Dissemos que a narrativa viquiana do resgate de Heitor pretende estabelecer a ferocidade constitutiva da natureza humana nos seus primeiros estágios de desenvolvimento. Temporalmente próxima à barbárie, essa natureza conservara traços remanescentes daquela que a antecede —a natureza bestial— e a constatação de tal conservação seria decorrente de uma análise detida (justamente aquela estabelecida na *Ciência Nova*) da obra homérica assumida como documento histórico. Acerca das concepções de *história* e, mais especificamente, de *documento histórico* apresentadas por Vico, em sua obra magna, trataremos adiante. Por ora, se faz necessário deixar assente, primeiro, a relação de dependência argumentativa, na obra viquiana, entre a circunscrição material e interpretativa da passagem que relata o resgate de Heitor e a circunscrição moral da natureza humana, nos primeiros estágios de sua constituição, à conduta colérica de

⁵ As referências numéricas, posteriores ao ano de publicação da edição (2005), feitas à *Ciência Nova*, remetem ao sistema de numeração de parágrafos usado na tradução de Jorge Vaz de Carvalho e publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Tal sistema corresponde àquele estabelecido por Fausto Nicolini e presente na edição da *Opere* organizada por ele e publicada pela editora Riccardo Ricciardi e consultada, na elaboração do presente artigo, a título de análise comparativa entre a mencionada tradução e o texto original viquiano. Outro esclarecimento: para evitar a repetição de referências a uma mesma passagem, quando elas forem sequenciais no corpo do texto, será adotada a indicação entre vírgulas com uma única referência, entre parênteses, ao final do trecho.

⁶ Sobre a determinação propriamente histórica do fundamento ontológico formulado por Vico, na *Ciência Nova*, é bastante esclarecedor o artigo de Marco Vanzulli, “La natura humana nella *Scienza Nuova* di Vico”, no qual o autor chama atenção para o fato de que a ciência viquiana consistiria em uma “ontologia do nascimento”, já que “pretende identificar o momento ontológico-epistemológico da formação da *natureza das coisas*” na complexa dinâmica de desenvolvimento concreto e ideal das nações. Cf. Vanzulli (2010: 204). Daqui por diante, devem ser consideradas de nossa autoria as citações traduzidas de textos e obras em língua estrangeira para as quais não forem indicadas as respectivas edições brasileiras nas “Referências bibliográficas”.

Aquiles e Príamo. Como procuramos mostrar, na *Ilíada*, tais figuras dão provas também de uma piedade que, para Vico, não seria condizente à rudeza física e mental daqueles homens tão avizinados às bestas.

Isso não quer dizer, porém, e esse é o segundo ponto que deve ficar assente, que a *Ciência Nova* remeta, no decorrer dos seus mil cento e nove longos parágrafos, exclusivamente, à tal passagem da obra homérica. Pelo contrário, não somente a *Ilíada* mas também a *Odisséia* recebem de Vico, não raro, a alcunha de serem “dois grandes tesouros dos costumes da mais antiga Grécia” (Vico, 2005: 904), a partir dos quais seria possível remontar aos verdadeiros princípios históricos e filosóficos do mundo civil. Alçados a tal estatuto, aqueles dois poemas, e ainda tantos outros “fragmentos da antiguidade” (Vico, 2005: 357), constituem o próprio objeto de investigação da ciência cujo estabelecimento e aplicação correspondem, justamente, ao projeto da *Ciência Nova*. No entanto, ainda sobre esse ponto, é importante ressaltar a devida dimensão de tal projeto: com pretensões notada e explicitamente científicas, à obra viquiana competiria também refutar grande parte da tradição historiográfica e filosófica que, ao atribuir a tais fragmentos uma sabedoria antiga equivalente à contemporânea, teria cometido o equívoco de desconsiderar o ritmo processual dos desenvolvimentos, recíprocos entre si, do mundo civil e da mente humana. Nesses termos, alçar aqueles dois poemas homéricos ao estatuto de objeto da investigação histórica e, além deles, também as criações materiais e ideais legadas por hebreus, caldeus, citas, fenícios, egípcios, e romanos, bem como, pelas chamadas “nações do mundo novo” (Vico, 2005: 334), seria a decorrência metodológica dos princípios então estabelecidos pela ciência viquiana; mas, não somente isso, seria sobretudo a recondução de tais fragmentos ao lugar que lhes é próprio⁷.

Reconduzidos à esfera do saber, os poemas homéricos informariam acerca da natureza heroica que permanecera, até o momento, segundo Vico, desconhecida pois aqueles que dela se ocuparam, atribuíram-lhe os traços distintivos da sua própria natureza

⁷ O projeto viquiano de estabelecer uma nova ciência contempla, portanto, a proposição dos fundamentos com os quais seria possível refutar determinada tradição historiográfica e filosófica. Assim como contempla, também, a proposição dos *fundamentos do certo* que, complementares aos *fundamentos do verdadeiro*, possibilitariam “ver, de fato, este mundo de nações tal como o meditamos em ideia” (Vico, 2005: 163). Os “fragmentos da antiguidade”, sobre os quais tratamos no parágrafo correspondente a essa nota, compõem o primeiro conjunto de fundamentos que, segundo Vico, teriam sido “até agora inúteis para a ciência porque tinham jazido miseráveis, mutilados e deslocados, trarão grandes luzes, uma vez tersos, recompostos e colocados nos seus lugares” (Vico, 2005: 357).

civilizada. Como procuramos mostrar, porém, essa recondução não se realiza sem que ocorram, também, alterações importantes tanto na estrutura quanto no sentido de tais poemas e, aliás, algo semelhante poderia ser dito, se não da totalidade, então, da maior parte das alusões documentais apresentadas na *Ciência Nova*. De qualquer modo, a apropriação viquiana das narrativas históricas, bem como, a inexatidão manifesta das frequentes referências feitas pelo filósofo a diversas obras e autores parecem constituir, de maneira decisiva, as matérias⁸ sobre as quais estaria estabelecida a ciência viquiana. Mas, se a denúncia da imprecisão interpretativa em relação tanto à história quanto à filosofia pode, em algum contexto, ser considerada suficiente para determinar a invalidação integral de uma tese ou mesmo de um conjunto de teses, tal denúncia parece ser especialmente insuficiente no caso da *Ciência Nova*. Isso porque, engendradora para fundamentar cientificamente a “procura da verdade sobre os autores das nações mesmas” (Vico, 2005: 7), essa obra viquiana reivindicaria para si a inovadora investigação tanto do ponto de vista do objeto –a fundação do mundo civil– quanto do ponto de vista do procedimento para conhecê-lo –o exame das elaborações humanas pré-rationais– e, assim, parece obter a chancela daquilo que se lança ao pioneirismo.

Dito isso, é necessário deixar assente, antes de retomar a exposição, o terceiro e último ponto acerca da comparação entre a narrativa homérica e a perspectiva viquiana do resgate de Heitor. Procuramos mostrar que, embora exprima os valores éticos fundamentais das ordens sociais envolvidas e, de maneira geral, a convicção na imutabilidade da natureza humana, a narrativa homérica parece assegurar aos homens um campo de ação amplo o bastante para abrigar manifestações diversas e mesmo antagônicas daqueles que retrata. Procuramos mostrar, também, que o campo de ação humana estabelecido por Vico, na *Ciência Nova*, abrange apenas as variações possíveis das mesmas constantes propriedades, as quais, constitutivas de cada um dos estágios do processo de desenvolvimento da humanidade, seriam demonstradas pela ciência viquiana que, ao

⁸ *Matéria e forma* são os termos empregados por Vico, na *Ciência Nova*, para anunciar a segunda seção da obra, intitulada “Dos Elementos”, na qual são estabelecidos os princípios de tal ciência. Nesse contexto, as *matérias* –importante notar, referenciadas no plural– teriam já sido expostas anteriormente, sobretudo, na seção “Anotações à Tábua Cronológica” e consistem no conteúdo propriamente histórico abarcado pela investigação viquiana. Ao passo que, a *forma* de tais matérias consiste, afirma Vico, nos “axiomas ou dignidades, tanto filosóficas como filológicas” que serão, naquela segunda seção, anunciadas juntamente com “algumas poucas perguntas, racionais e discretas, com umas tantas definições clarificadoras; que, como o sangue através do corpo animado, assim devem percorrê-la e animá-la por dentro em tudo o que esta Ciência reflete sobre a natureza comum das nações” (Vico, 2005: 119).

remontar às origens de tal processo, descobrira as suas regularidades. Sendo assim, na narrativa do resgate de Heitor, sob a perspectiva especificamente viquiana, Aquiles e Príamo agiriam conforme as propriedades constitutivas de suas naturezas heroicas e, portanto, dariam demonstrações variadas apenas da rudeza mental e física atribuída aos estágios iniciais da humanidade em desenvolvimento. Interessante notar, então, que, comparativamente à narrativa homérica, a narrativa viquiana daquele resgate circunscrevera a descrição do acontecimento a limites episódicos, as manifestações da moralidade heroica à cólera e aos seus afins, mas não somente isso, também a natureza feroz dos primeiros tempos propriamente a Aquiles.

Está claro, porém, que esse nosso último passo argumentativo, talvez mais do que outros, inspira alguma cautela devido à afirmação dos aspectos de certa maneira restritivos das concepções viquianas, implicadas entre si, de *natureza* e *natureza heroica*. Afirmar tais aspectos poderia, inclusive, comprometer a reivindicada cientificidade do projeto viquiano ao, pelo menos à primeira vista, tornar o objeto de investigação da *Ciência Nova* cada vez menos abrangente. Nesses termos, seria possível afirmar, no limite, que os princípios teóricos e metodológicos⁹, nos quais aquela ciência estaria amparada, teriam sido elaborados e aplicados para cumprir uma função meramente hermenêutica de excertos históricos ou filosóficos, da natureza confiada aos seus personagens ou às suas alegorias, das ações e da conduta daqueles considerados grandes homens ou heróis. Não se trata disso e os próximos passos argumentativos deste artigo procuram elucidar tal sentença.

Não se trata, portanto, de imputar ao próprio aparato teórico e metodológico da ciência viquiana o aspecto restrito de *uma das* matérias que abarca, já que tal aparato teria sido elaborado justamente para possibilitar uma investigação científica compatível ao ritmo

⁹ Bastante relevante e, a bem dizer, frequente entre os estudiosos da obra viquiana, sobretudo da *Ciência Nova*, é o tema da separação, mais ou menos acentuada, entre o aparato teórico e metodológico e o conteúdo propriamente histórico estabelecida na obra magna do filósofo. Ao tema concorrem as questões –talvez ainda mais polêmicas– tanto dos pretensos arcaísmos ou modernidades atribuídos ao pensamento de Vico quanto da própria validade da já citada reivindicação do filósofo pela cientificidade da sua obra. Tal separação, por exemplo, para Caponigri, em *Time & Idea*, teria sido feita, apenas, de maneira parcial na *Ciência Nova* e “constitui prova *prima facie*, entretanto, da convicção de Vico de que a distinção pode e deve ser feita” (Caponigri, 1953: 4). Para Pompa, por sua vez, a verificação de tal separação distinguira o seu próprio trabalho, *Vico: A Study of the “New Science”*, daqueles que o antecederam, na medida em que, ao contrário dos demais estudiosos, teria atentado para a o esforço do filósofo em “reconstruir as histórias de algumas das principais nações antigas conhecidas por ele e tentar dar conta dos principais pressupostos filosóficos e teóricos nessa reconstrução” (Pompa, 1990: 1).

processual dos desenvolvimentos humanos. E nos primeiros começos do mundo civil, pretende demonstrar a *Ciência Nova*, aqueles que deram início ao processo de desenvolvimento da humanidade foram ferozes e orgulhosos, tais como Aquiles, e não sábios e virtuosos, tais como Cipião (Vico, 2005: 191). No entanto, foram tais como o Aquiles descrito especificamente naquela obra, o qual, como procuramos mostrar antes, difere do herói descrito na *Iliada*, por dar demonstrações apenas da sua suscetibilidade às paixões. O herói viquiano não demonstra qualquer piedade por Príamo. Esse rei, por sua vez, apesar de também pertencer à ordem da nobreza e, portanto, supostamente compartilhar da mesma natureza heroica de Aquiles, é descrito de maneira secundária, desempenhando o papel de *paciente* da impetuosidade e da ferocidade cujo *agente* seria, de maneira própria, o aqueu. Desse modo, não somente as demonstrações de piedade atribuídas a Aquiles, mas também aquelas atribuídas a Príamo, tanto em relação à Helena quanto ao assassino do seu filho, para manter os mesmos exemplos, deixaram de ser elencadas na perspectiva viquiana do resgate de Heitor: Aquiles retornara à batalha, segundo Vico, não para honrar as virtudes do amigo morto, mas pela disposição à violência e à crueldade proporcionadas pelo terror da guerra; assim como não lhe suscitara nenhuma admiração ou recordação de saudade a figura nobre de Príamo, mas tão só aqueles constantes sentimentos que o impediram de prestar os devidos louvores aos seus pares e que, finalmente, o arrastaram à morte prematura.

Importante notar, ainda, que mesmo o aspecto reconciliatório do encontro entre o herói aqueu e o rei troiano, explicitado na narrativa homérica como demonstração da piedade e, portanto, da observação das leis divinas tanto por parte de um quanto de outro, deixa de ser elencado na perspectiva viquiana de tal narrativa. Nesse encontro, descrito na *Ciência Nova*, a magnanimidade de Aquiles sobrepõe a de Príamo e consiste, não na grandeza piedosa que recomenda as justas reverências aos pares, aos anciãos e aos deuses, mas na grandeza ainda disforme que, do ponto de vista físico, domina pela força das armas e, do ponto de vista moral, é dominada pelas paixões. Nesses termos, a ceia na tenda de Aquiles seria decorrência, não da admiração mútua entre homens igualmente nobres, mas de uma *concessão* –aliás, pouco duradoura– do herói que, assim, demonstrara o seu domínio sobre Príamo e, portanto, a impetuosidade distintiva da sua natureza. Nos termos de Vico, então, aquela ceia seria um acontecimento –atribuído sobretudo a Aquiles– que, devidamente analisado, demonstraria a natureza colérica dos homens dos primeiros tempos.

Para essa devida análise, como procuramos mostrar, concorre a recondução dos fragmentos históricos ao campo do saber, mas, ainda, a reunião e a explicitação de tais fragmentos conforme os estágios correspondentes da investigação científica e do processo de desenvolvimento da humanidade. É nessa estrutura expositiva, ao invés daquela epopeica, que a narrativa do resgate de Heitor está inserida na *Ciência Nova*, ou seja, listada entre outros fragmentos mobilizados para o mesmo propósito. Sendo assim, no estágio da investigação que, em tal obra, pretende atestar a ferocidade da natureza humana ainda nascente, contariam também como provas, para citar apenas aquelas que compõe a passagem à qual temos nos referido: a narrativa biográfica de Cola di Rienzo, publicada em meados de 1357 e, portanto, durante a “barbárie regressada” da Idade Média; a narrativa da *Odisseia* acerca da exaltada recepção de Ulisses na corte de Alcínoo, rei dos feácios e o sacrifício da “infeliz e belíssima donzela real Políxene” (Vico, 2005: 786), antes pertencente à casa real de Príamo, mas convertida em escrava com a queda de Troia. Essas narrativas, então, assim como aquela do resgate de Heitor e ainda tantas mais, reunidas mediante a aplicação de um critério específico de seleção –nesse caso, os traços distintivos da natureza heroica– já não integram as suas respectivas tramas, mas as matérias constitutivas da *Ciência Nova*. Feitas tais considerações, vejamos a passagem na letra do próprio filósofo:

Como aquele acontecimento de Aquiles, que recebe na sua tenda Príamo (o qual, de noite, com a escolta de Mercúrio, pelo meio do acampamento dos Gregos, tinha vindo junto dele, completamente só, para resgatar o cadáver de Heitor, como dissemos noutra ocasião¹⁰) e o admite a jantar consigo; e, devido a um só dito que não foi do seu agrado, que inadvertidamente o infelicíssimo pai deixou escapar da boca pela piedade para com um filho tão valoroso – esquecido das santíssimas leis da hospitalidade (...) exaltado numa cólera bestial, troveja sobre ele “querer cortar-lhe a cabeça” (Vico, 2005: 786).

O Aquiles erigido por Vico *admitira* receber em sua tenda um rei humilhado. Esse Príamo precisa da escolta divina, anda sorrateiro à noite pelo acampamento, chega sozinho na tenda e está vulnerável ao herói, já que em decorrência da mera alusão às virtudes de

¹⁰ Não somente citada recorrentemente, a obra homérica –*Ilíada* e *Odisseia*– constitui, como procuramos mostrar antes, a matéria, isto é, o conteúdo propriamente histórico investigado pela *Ciência Nova*. Sendo assim, à narrativa do resgate de Heitor Vico recorre, em tal obra, ainda algumas vezes além dessa aqui exposta, mas, em todas elas o objetivo parece ser o mesmo de estabelecer os costumes da natureza heroica. Cf. Vico (2005: 667, 781, 797 e 801).

Heitor recebera a ameaça de uma morte brutal. Nesse sentido, a “cólera bestial” demonstrada por Aquiles em decorrência de tal alusão seria, portanto, o traço distintivo da humanidade em seus primeiros estágios de desenvolvimento, ou melhor, a propriedade constitutiva, e historicamente sedimentada, da natureza heroica nos inícios do mundo civil. No entanto, a conduta colérica de Aquiles teria sido suscitada, apenas inicialmente, por aquela alusão a Heitor, pois, a bem dizer, assim necessariamente agem os heróis diante das diversas circunstâncias, ou seja, de acordo com a ferocidade dos deuses que imaginam e dos quais reclamam a própria descendência. Como Júpiter, seu pai, Aquiles tropeja a sua cólera sobre aqueles que estão à sua mercê, sobre Príamo tropeja “querer cortar-lhe a cabeça” e, assim, manifesta a sua incapacidade de se comover “pela muita e grave miséria de tal rei, nem pela piedade de tal pai, nem pela veneração de alguém tão velho” (Vico, 2005: 786). O herói de Vico é boçal, cruel, feroz e orgulhoso. É Aquiles, o temido guerreiro cujo retorno à batalha decide a vitória. Mas é, também, Hércules –herói político (Vico, 2005: 3)– o domador das primeiras terras (Vico, 2005: 14), que ateou fogo na selva nemeia para transformá-la em campo cultivado. E, ainda, Rômulo que abriu um refúgio no Lácio e ali fundou Roma (Vico, 2005: 160). Dito de uma só vez, o herói de Vico é, não um homem verdadeiro –Aquiles, Hércules e Rômulo enquanto indivíduos singulares– mas, *caracteres poéticos*, ou seja, dados concretos e particulares dilatados, no espaço e no tempo, em retratos ideais.

Contidos em tais retratos, ao invés de intermediados pela imitação ou pela convenção em suas referências, os dados das experiências humanas que estabelecem a razão comum dos caracteres poéticos –as demonstrações de força e impiedade que formaram Aquiles, de domínio e cultivo das terras que formaram Hércules e do ato fundante das cidades que formou Rômulo– conferem às fábulas a veracidade requerida a uma investigação científica. Em outras palavras, às primeiras fábulas deveriam ser creditadas, segundo Vico, as verdades cabíveis aos primeiros desenvolvimentos da racionalidade humana e, portanto, a identificação com as histórias dos primeiros povos, pois tais elaborações encerram em si a dimensão mental das dinâmicas concretas então vigentes. O Aquiles erigido pelo filósofo, embora distinto do herói apresentado pela narrativa homérica, é precisamente aquele que estabelece os caracteres poéticos “com os quais naturalmente pensaram e falaram os primeiros povos” (Vico, 2005: 412). Nesse sentido, o Aquiles apresentado na *Ciência Nova* e, então, segundo Vico, agora devidamente investigado, explicita a sabedoria poética e rudimentar que, uniformemente observável

entre os fundadores do gênero humano das diversas e singulares nações, formara os Aquiles durante aquele estágio de desenvolvimento, percorrido por todas elas, no qual a força se sobrepõe à piedade.

Sendo assim, a regularidade dos processos de desenvolvimento, correspondentes entre si, da mente humana e do mundo civil, que teria sido descoberta por uma investigação que remontara às origens fabulosas da humanidade, suscitara a formação dos vários Aquiles sobre os quais nos informam os fragmentos da Antiguidade. Mas, suscitara também, a formação dos Hércules, dos Rômulos e, ainda, dos Júpiteres, dos Mercúrios Trimegistros, dos Sólon (Vico, 2005: 200 e 416), ou seja, de todas as outras elaborações em “verdades de ideia” (Vico, 2005: 205) dos eventos que inauguram e dão continuidade ao processo de constituição do mundo civil. Isso não quer dizer, porém, é preciso insistir nesse ponto, que tais caracteres sejam *alegorias* das experiências humanas na concepção postulada, por exemplo, por Dante, para quem o alegórico era *um dos* sentidos do texto, precisamente aquele que “se esconde sob o manto das fábulas e é uma verdade oculta sob bela mentira” (Alighieri, 1997: 104). Assim concebida, a alegoria supõe, não somente, a separação entre a verdade e a fábula, mas ainda, a fábula como um véu, uma imagem que encobre o conceito, muitas vezes mediante fraude ou artifício. Nesses termos, então, caberia ao próprio poeta cuja atividade produziu esse sentido alegórico, ou ao teólogo, ou ainda ao historiador –seja ele filósofo ou não– identificar essa separação e, portanto, desvelar o verdadeiro subjacente ao fabuloso. Bom, esses não parecem ser os termos com os quais podemos entender a concepção viquiana de *caracteres poéticos*. Aquiles, Hércules e Rômulo, para citar os mesmos três, talvez não tenham sido nunca homens verdadeiros, indivíduos singulares, mas são traços de homens, fatos e instituições que, historicamente condicionados, foram universalizados pela mente humana imaginativa dos primeiros tempos.

Diante do exposto, devemos insistir também neste ponto: a operação de universalização da qual decorrem os *caracteres poéticos* consiste, não na *abstração* pelo intelecto de propriedades gerais do objeto, mas na *ampliação* pela fantasia de aspectos positivos de uma determinada experiência histórica. Sendo assim, os Aquiles fantasiados pelos primeiros homens, assim como os demais caracteres poéticos –também chamados *universais fantásticos*– constituem, afirma o filósofo, a “essência das fábulas” (Vico, 2005: 209) e nascem da necessidade natural atribuída por Vico à mente humana de exprimir-se diante da

vida social. De tal necessidade natural nascem, primeiro, os *caracteres poéticos* da mitologia e não os *caracteres vulgares* da prosa e, se se quer, os *universais fantásticos* da faculdade poética e não os *universais filosóficos* da metafísica, porque a mente humana foi, afirma Vico, engenhosa antes de crítica (Vico, 2005: 498). Esse primado da imaginação sobre a razão do ponto de vista epistemológico corresponde às etapas iniciais de constituição do mundo civil do ponto de vista histórico-sociológico e, estabelecida uma tal correspondência, a Vico será possível afirmar que os fundadores das nações foram poetas e não filósofos. Não somente isso, mas também que “as primeiras fábulas deviam conter verdades civis e, por isso, ter sido as histórias dos primeiros povos” (Vico, 2005: 198).

Não se trata, somente, de admitir a historicidade das fábulas. O proposto por Vico na *Ciência Nova* é ainda mais interessante, inclusive se considerado o contexto cultural e intelectual em que a obra está inserida: se por um lado, a tradição racionalista de matriz cartesiana relega, de maneira geral, a história ao âmbito daquilo que é somente verossímil, ou mesmo, falso¹¹; por outro lado, as tentativas de fundamentar cientificamente a disciplina parecem submetê-la, ao menos para parte da Idade Moderna, a métodos como o de Voltaire em que a convicção na autoridade do documento escrito está conservada e suscita a elaboração de uma concepção bastante restrita de *história*. Basta lembrarmos que na *Enciclopédia* de Diderot e d’Alembert, o verbete “História”, publicado em 1765 e, portanto, cerca de apenas duas décadas depois da *Ciência Nova* de Vico, estabeleceu a seguinte definição: “a história é o relato dos fatos dados como verdadeiros, ao contrário da fábula, que é o relato dos fatos dados como falsos” (Voltaire, 2007: 3)¹². Assim definidas, uma em contraposição à outra sob o critério da verdade, e ambas intermediadas pelo relato, história

¹¹ Ainda que talvez seja insuficiente tentar explicar a tradição do pensamento pela sua matriz teórica, mencionaremos sucintamente uma passagem da filosofia cartesiana que pode contribuir para a compreensão da mudança estabelecida pelo projeto viquiano da *Ciência Nova*: ao narrar aquilo que denominara “história do meu espírito”, Descartes, no *Discurso do Método*, enuncia a sua decepção pessoal com o programa de estudos, então vigente, que abrangia a Gramática, a Poesia, a História e a Retórica. Tais disciplinas, às quais teria se dedicado durante toda a infância, agora, afirma o filósofo, quando “acolhido na categoria dos doutos”, suscitaram-lhe o embaraço das dúvidas e dos erros. O proveito tirado do estudo dessas disciplinas consistiria, somente, continua o filósofo, em “ter descoberto cada vez mais a minha ignorância”. A descoberta do erro, no âmbito da consciência, assume função metódica, no âmbito da ciência, mediante a elaboração e aplicação do princípio de evidência que demonstraria a impossibilidade de obter conhecimentos claros e distintos, não somente a partir daquelas disciplinas, mas de todo o estudo que esteja atrelado a faculdades sensíveis (memória, imaginação e sensação). Sobre isso, cfr. *Discurso do Método*, Primeira Parte. Referência específica da nota: Descartes (1986: 42).

¹² Verbetes publicados, em edição brasileira, na obra *A filosofia da história*, elencada na bibliografia deste artigo.

e fábula estariam igualmente submetidas ao método voltairiano de pesquisa que pretende desvencilhar a primeira da segunda e, assim, conservar para a posteridade somente as elaborações humanas consideradas devidamente racionais.

No entanto, para Vico, as elaborações racionais remontariam somente uma pequena parte do processo de constituição da humanidade e do mundo civil. Além disso, tomar isoladamente tais elaborações, como parece propor os métodos intelectualistas de pesquisa histórica, teria ocasionado aquele conhecimento inadequado dos primeiros tempos, denunciado pelo filósofo napolitano, na medida em que contribuía para a redução dos desenvolvimentos humanos ao estágio da civilidade. Sendo assim, considerada sob a perspectiva do referido contexto cultural e intelectual, a admissão viquiana da historicidade das fábulas consiste, portanto, em recusar, ao menos parcialmente, o programa da tradição cartesiana tão vigente na Nápoles vivenciada por Vico¹³. Mas consiste, também, em ampliar a concepção de *documento histórico* que, na *Ciência Nova*, passa a abranger não apenas as tradições orais e míticas, como ainda, fragmentos de objetos e monumentos pré-históricos, além, é claro, as próprias instituições civis, os costumes, as línguas e, portanto, os desdobramentos ideais e materiais que constituem o processo de desenvolvimento da natureza humana.

Considerada, por sua vez, sob a perspectiva da estrutura argumentativa interna à *Ciência Nova*, a admissão da historicidade das fábulas apresenta implicações igualmente interessantes e, a bem dizer, bastante relevantes para o objeto central deste artigo. Dada a pertinência de tais implicações para o exame da concepção de natureza humana elaborada por Vico e, de maneira mais específica, da acepção eminentemente histórica que essa concepção apresenta, a parte final da nossa exposição se ocupará em elucidá-las. Para tanto, retracemos rapidamente o caminho percorrido até aqui: partimos de uma abordagem comparativa das narrativas homérica e viquiana do resgate de Heitor, pois, explicitar as diferenças entre uma e outra parece contribuir para a ressalva das especificidades do Aquiles da *Ciência Nova*. De modo geral, tais especificidades concernem à descrição da constância e uniformidade das ações impiedosas do herói e, portanto, ao estabelecimento das propriedades constitutivas da natureza humana nos seus estágios iniciais de desenvolvimento. A esse duplo movimento argumentativo da exposição viquiana –análise

¹³ Para uma abordagem biográfica do contexto histórico vivenciado por Vico, cfr. Nicolini (1992). Para uma abordagem autobiográfica-intelectual, Vico (2017).

poético-histórica e fundamentação ontológico-epistemológica— vale destacar novamente, estruturante do próprio projeto da *Ciência Nova*; seria concernente a concepção de *caracteres poéticos* que denota tanto o elemento essencial da fábula quanto o momento e as circunstâncias do processo de constituição da humanidade e do mundo civil. Diante disso, não pudemos deixar de considerar, por sua vez, as concepções viquianas de *história* e *documento histórico*, já que a fábula passara a integrar essa esfera teórica e, assim, devido à pretensão científica da teoria da história elaborada por Vico, passara a integrar também a esfera do saber científico e verdadeiro.

O exposto até aqui, porém, não tratou suficientemente dos estratos argumentativos que, partes integrantes da *Ciência Nova*, teriam sido alcançados por aquela admissão da historicidade da fábula. A tal falta da exposição atribuímos ainda uma outra: procuramos mostrar que, alçados ao estatuto de objeto de investigação histórico-científica, os poemas homéricos atestariam as propriedades da natureza heroica e, portanto, os princípios bárbaros da humanidade e do mundo civil. Procuramos também mostrar a acepção histórica da natureza heroica, tal como a concebera Vico, na medida em que abordamos o traço distintivo dessa natureza —a ferocidade— como uma propriedade sedimentada pelas condições do tempo, também ferozes, e mentalmente elaborada nos caracteres poéticos. No entanto, historicamente condicionado, o processo de constituição da humanidade não poderia estar encerrado nesse estágio. Os fundadores das nações foram os Aquiles, os Hércules e os Rômulos, mas, o desenvolvimento do gênero humano, na *Ciência Nova*, começa antes deles e continua ainda depois.

Sendo assim, busquemos a partir de agora sanar essas faltas. As primeiras fábulas, afirmara Vico em trecho já citado, *deviam* conter verdades civis e, portanto, *deviam* ter sido as histórias dos primeiros povos. Assim formulada, a afirmação parece mesmo indicar a adoção de um “paradigma do desenvolvimento natural segundo sequências necessárias”, como sugere Enrico Nuzzo, mas de tal adoção não decorre que o tempo da concepção viquiana de história seja o “ritmo assentado na trajetória natural de todo ser orgânico” (Nuzzo, 2013: 321), como também sugere o autor. Isso porque, ainda que igualmente determinados por sequências necessárias, *mundo civil* e *mundo físico*, no contexto do pensamento viquiano da *Ciência Nova*, não poderiam ser inteiramente identificados um ao outro. Em tal contexto, os desenvolvimentos concernentes ao mundo civil —campo de ação propriamente humano— estariam assentados em sequências que se tornaram necessárias e, portanto, naturais no transcorrer do tempo. Nesse sentido, o natural ao gênero humano

seria aquilo que, historicamente constituído, condiciona processos necessários à esfera do contingente. Dito de outro modo, aquela necessidade indicada no princípio que estabeleceu a historicidade e a veracidade das fábulas decorre, não da adequação do modelo de sucessão natural proveniente do mundo físico ao mundo civil, mas do próprio conteúdo que as compõem: deve ser verdadeiro, na esfera específica de constituição do mundo civil, que os homens tenham sido inicialmente ferozes como os Aquiles sobre os quais informam os fragmentos da Antiguidade, porque, afirma Vico:

Não poderia nascer de um ânimo humanizado e compadecido por alguma filosofia aquela truculência e ferocidade de estilo com que descreve tantas, tão variadas e sanguinárias batalhas, tantas, tão diferentes e todas de maneiras tão extravagantemente crudelíssimas espécies de matanças, que constituem particularmente toda a sublimidade da *Iliada* (Vico, 2005: 785).

As coisas são tais e não outras entre os desenvolvimentos historicamente condicionados, porque deles os homens detêm a autoria e *fazem* o seu próprio mundo mediante o exercício da violência precisamente como relatam as fábulas. Mas, se o elemento essencial dessas fábulas, como dissemos, os caracteres poéticos, atestam a sabedoria poética dos fundadores das nações, não parece possível afirmar que o estágio epistemológico e histórico-sociológico, no qual foram formados e sobre o qual testemunham, perdurara ao longo do tempo. Afinal, as nações não são, apenas e perpetuamente, constituídas pelos Aquiles, Hércules e Rômulos e Vico, ele mesmo, assevera o desenvolvimento da humanidade ao fazer frequentes referências à “delicadeza das nossas naturezas” (Vico, 2005: 670), às “naturezas humanas civilizadas” (Vico, 2005: 338) de sua contemporaneidade e, inclusive, ao fato de que “nos nossos tempos, os nobres armam-se, nos torneios, com as lanças que, primeiro, utilizaram nas guerras” (Vico, 2005: 562). Distinta da natureza heroica e, agora, propriamente humana, a natureza civilizada da época vivenciada por Vico passa a ser constituída pela delicadeza, essa “virtude diminuta” (Vico, 2005: 822) desprezada (devido a uma discrepância, no limite, ontológica) pela grandeza disforme e impiedosa das épocas anteriores. A contemporaneidade da natureza civilizada daria provas, portanto, da continuidade do processo de desenvolvimento da humanidade e, justamente por esse constatado aspecto contínuo, anunciaria para um futuro

cada vez mais próximo a dissolução de tal civilidade e, então, o eminente advento da natureza constituída por “todos os vícios próprios de vilíssimos escravos” (Vico, 2005: 1005).

Renunciar à investigação desses outros estágios através dos quais transcorre o desenvolvimento da natureza humana seria, não somente, naquela atualidade, desconsiderar o observável –as demonstrações de civilidade nos aperfeiçoamentos dos costumes, das leis e das obras filosóficas– seria, também, mais uma vez comprometer a reivindicada cientificidade do projeto viquiano, já que, empenhado em demonstrar as regularidades do processo de constituição da humanidade, tal projeto deve abarcar inteiramente o longo prazo percorrido por esse processo. Em outras palavras, caso se ocupasse apenas da natureza heroica, à investigação histórico-científica empreendida na *Ciência Nova* não seria possível demonstrar os princípios universais e eternos da natureza comum das nações, devemos lembrar, objeto central da obra. Sendo assim, embora seja preciso reconhecer que parte considerável dessa obra está mobilizada para o exame dos documentos históricos situados cronologicamente por Vico no estágio de desenvolvimento concernente à natureza heroica, é também preciso ressaltar que o tempo da concepção viquiana de história, ou melhor, um dos diversos tempos que parecem estrutura-la consiste na divisão, inspirada naquela estabelecida por Marco Terêncio Varrão¹⁴, do “tempo do mundo” (Vico, 2005: 31) em *idade dos deuses, idade dos heróis e idade dos homens*.

Considerada essa divisão temporal varroniana, as obras homéricas seriam correspondentes à segunda idade do mundo –a idade dos heróis– com a qual, portanto, esteve ocupado o presente artigo. Para abordar as duas outras idades e, assim, tentar elucidar o processo de constituição da natureza humana e do mundo civil, ao longo do curso percorrido pelas nações, tal como o concebera Vico na *Ciência Nova*, concentraremos nos próximos e últimos parágrafos uma exposição, como feita anteriormente, tanto do ponto de vista epistemológico quanto histórico-sociológico, acerca da idade dos deuses quanto da idade dos homens.

Visto que a segunda idade do mundo civil é retratada idealmente pelos descendentes dos deuses, a primeira idade –anterior à dos heróis– o será pelos próprios deuses, os quais, segundo se reputava, conviviam na terra com os homens (Vico, 2015:

¹⁴ Referido por Vico como “o mais douto escritor da antiguidade romana”, Varrão teria dividido o tempo do mundo em *tempos fabulosos, tempos obscuros e tempo histórico* “na sua grande obra intitulada *Rerum divinarum et humanarum*, que se perdeu” (Vico, 2005: 6).

464). E o exame das histórias dessa idade –fabulosas como as heroicas– nos informa, ainda, que é o tempo dos vários Júpiteres os quais, afirma Vico, “surpreendem os filólogos, porque toda a nação possuiu um” (Vico, 2015: 380), mas também de Diana e Vênus. É o tempo, portanto, em que os homens de mente ainda mais imaginativa do que a dos seus sucessores, “acreditaram viver sob governos divinos” (Vico, 2015: 31) e viveram, de fato, sob os governos teocráticos nos quais o direito está assentado na compreensão e na observação dos auspícios. Cridos como ordens divinas, tais auspícios estabelecem a distinção social (mas também ontológica) entre aqueles que os observam ou não. São os primeiros, portanto, que fixados em grutas por temor às divindades, formam as famílias com “uniões carnis pudicas” (Vico, 2005: 505) –os matrimônios naturais, anteriores aos solenes dos heróis– e sepultam os mortos em lugar apropriado para torná-los religiosos. Os outros, aqueles que não observam as ordens divinas, conservam, portanto, a natureza feroz própria à barbárie e são, afirma Vico, “homens de aspecto e bestas brutas nos costumes” (Vico, 2005: 566) que, dispersos pelas florestas, contraem relações meramente carnis e fortuitas, e além disso, quando mortos, seus cadáveres restam insepultos para serem devorados pelos corvos e pelos cães.

É somente na última idade –a idade dos homens– que os traços distintivos das naturezas constituídas nos tempos anteriores são dissolvidos e isso porque, afirma Vico, nessa idade “todos reconheceram serem iguais em natureza humana” (Vico, 2015: 464). Decorrente de tal reconhecimento, foram estabelecidas as duas formas de governos propriamente humanos: as repúblicas populares e as monarquias. É o tempo dos Sete sábios da Grécia e, portanto, de Sólon que ordenara a liberdade popular em Atenas e, também, de Tales de Mileto, que iniciara a filosofia com a física. É o tempo, portanto, do direito assentado nas exigências da razão, as quais determinam não a conservação dos bens privados, mas a ampliação do bem público mediante a ordenação de leis universais que progressivamente rompem as remanescentes ordens aristocráticas. Tais leis que versam, sobretudo, acerca do direito aos matrimônios solenes e às sucessões testamentárias consistem, portanto, no devido exercício da coletividade que, finalmente, conduzira os homens à sua verdadeira e própria natureza, ou seja, à natureza reconhecida igualmente racional nas práticas e instituições civis.

O sepultamento, assim como a religião e o matrimônio seriam, portanto, os princípios universais e eternos da natureza comum das nações, observados em cada uma

das três idades do mundo civil e demonstrados pela investigação histórica empreendida na *Ciência Nova*. Sendo assim, considerada a trajetória que tais nações percorrem ao longo daquelas três idades do tempo do mundo e, ainda, considerado o aspecto determinante dessas práticas civis para o andamento do processo de constituição da humanidade, talvez somente agora seja possível compreender a ênfase dada pela perspectiva viquiana a trechos específicos da narrativa homérica do resgate de Heitor: à observação das leis –divinas ou humanas– que recomendam a celebração das devidas honras fúnebres estaria condicionada a própria continuidade do desenvolvimento da natureza humana. Tomada como o documento histórico que ao tratar de Aquiles e Príamo, tratara dos universais que testemunham verdadeiramente acerca daqueles que os formaram, aquela precisa passagem transcorre em um momento que, em alguma medida, contrai em si todos os anteriores e os posteriores. Na decisão do herói, cuja natureza corresponde à de todos os Aquiles da sua idade, convergem os acontecimentos do passado e do futuro, já que constitui, não somente a demonstração particular de piedade ou impiedade, mas o próprio curso do humanizar-se.

Referências bibliográficas

- Alighieri, D. (1997). Il Convivio. En *Opere minori*. F. Chiappelli & E. Fenzi (eds.). Turim: UTET.
- Caponigri, A. R. (1953). *Time and Idea: the theory of history in Giambattista Vico*. London: Routledge & K. Paul.
- Descartes, R. (1986). *Discurso do Método*. J. Gama (trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Homero (2015). *Iliada*. C. A. Nunes (trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Edição brasileira.
- Jaeger, W. (2001). *Paidéia: a formação do homem grego*. A. M. Parreira (trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Nicolini, F. (1992). *La giovinezza di Giambattista Vico*. Bologna: Il Mulino.
- Nuzzo, E. (2013). *Metafore e luoghi della filosofia. Scritti teorici e storiografici*. Roma: Storia e Letteratura.
- Pompa, L. (1990). *Vico: a study of the "New Science"*. Nova York: Cambridge University Press.
- Vanzulli, M. (2010). La natura umana nella "Scienza Nuova" di Vico. *Quaderni Materialisti*, 9, 197-207.
- Vico, G. (2017). *Vida escrita por si mesmo*. A. C. Santos (trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Edição portuguesa.
- Vico, G. (2005). *Ciência Nova*. J. Vaz de Carvalho (trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Edição portuguesa.
- Vico, G. (1953). *Opere*. F. Nicolini (ed.). Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi (La Letteratura italiana; Storia e testi, vol. 43).

Aragão Zaninetti, P. (2021). A natureza no tempo e a formação do mundo civil em Vico. *Siglo Dieciocho*, 2, 13-32.

Voltaire (2007). *A filosofia da história*. E. Brandão (trad.). São Paulo: Martins Fontes.

CV de la autora

Priscila Aragão Zaninetti é doutoranda no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Possui mestrado (2018) e graduação (2014) em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, com mobilidade acadêmica pelo Erasmus Mundus na Universidad de Buenos Aires (UBA). No mestrado, desenvolveu pesquisa com auxílio CAPES na área de Filosofia Moderna, mais especificamente, sobre as concepções de *história* e *filosofia da história* em Voltaire. Atualmente desenvolve pesquisa, com bolsa FAPESP, sobre as concepções históricas e temporais em Giambattista Vico.